

**O (DES)CONCERTO DO AFETO:  
UMA LEITURA DE ALÉM DO PONTO  
DE CAIO FERNANDO ABREU**

*Thaís Lydia dos Santos (UFRRJ)*

[thais.lydia@hotmail.com](mailto:thais.lydia@hotmail.com)

*Maria Fernanda Garbero de Aragão (UFRRJ)*

[nandagarbero@gmail.com](mailto:nandagarbero@gmail.com)

Em “Além do Ponto”, nos encontramos com um personagem sem identificação que se mostra em busca de outra pessoa, alguém que, aparentemente, não conhece, cultivando um amor platônico recheado de medos, angústias e temores.

O título do conto já nos mostra algo utópico, uma vez que interpretemos o termo “além do ponto” como algo que vá além dos limites, capaz de ultrapassá-los. Com isso, vemos um personagem que se mostra em diversas situações adversas, pelas quais se propõe a passar nessa empreitada afetiva: “Chovia, chovia, chovia e eu estava indo por dentro da chuva ao encontro dele, sem guarda-chuva nem nada...” (ABREU, 2005, p. 45).

Logo de início, percebe-se que o personagem estaria se lançando numa espécie de aventura, onde não se impõe limites. Está disposto a enfrentar qualquer situação para alcançar seu objetivo. Fazendo, então, com que outros o olhem de maneira diferente, como um estranho.

A visão do *outro* em relação ao personagem é algo que, mesmo indiretamente, acaba influenciando suas ações. Cada indivíduo tem um papel dentro de um grupo, uma característica que o diferencia do outro. Esses aspectos são utilizados como uma maneira de mostrar que aquela pessoa é considerada um indivíduo dentro de uma sociedade; compondo, assim, o que pode ser lido como suas singularidades: “... mas bem assim eu ia pelo meio da chuva, uma garrafa de conhaque na mão e um maço de cigarros molhados no bolso.” (ABREU, 2005, p. 45)

O fato de o personagem estar debaixo de chuva e, mesmo assim, continuar seu caminho faz com que este tenha uma característica própria. Ele não aparenta se importar se há chuva, se o carro o molha, pois seu objetivo de ir “além do ponto”, trajetória constituída, os desafios se tornam o percurso.

A singularidade, de acordo com Paolo Virno, em *Gramática de la multitud*, é algo que podemos considerar como o fim do processo de individuação. Ou seja, para que seja considerado um indivíduo em determinada sociedade, o personagem faz uso de suas singularidades.

O ponto decisivo é considerar estas singularidades como um ponto de chegada, não como um dado desde o qual partir; como o resultado final de um *processo de individuação*, não como átomos solipsistas.

Porque são o resultado complexo de uma diferenciação progressiva, os “muitos” não postulam uma síntese ulterior. (VIRNO, 2003, p. 23)<sup>1</sup>

E, por mais que pareça solitário nessa sua “aventura”, ele ruma e se projeta a esse outro imaginário: o ser amado, presença que, mesmo invisível, guia a hipótese de encontro!

No decorrer do conto, nos confrontamos com situações que mostram o caminho que juntos – personagem e o possível ser projetado – seguem. Contudo, vemos ainda, o protagonismo que o outro adquire no ritmo dos passos dirigidos a seu encontro: “... pensei em abrir a garrafa para beber um gole, *mas não queria chegar na casa dele meio bêbado...*” (ABREU, 2005, p. 45, grifo nosso)

Vemos, então, que, por mais individual que seja, é válido considerar que suas ações são dependentes desse *outro*.

É através desse “enlace” entre o desejo e provável *outro*, vemos a relação afetiva esboçar-se. O afeto ultrapassa o carinho, é uma relação, um laço do ser humano com outra pessoa ou outro objeto. Da mesma maneira, o afeto determinar a sensibilidade que a pessoa tem diante de situações que acontecem não só no meio em que vive, ele também pode acontecer dentro de si mesmo, imagem projetada:

...tudo que eu andava fazendo e sendo eu não queria que ele visse nem soubesse, mas depois de pensar isso me deu um desgosto porque fui percebendo, por dentro da chuva, que talvez eu não quisesse que ele soubesse que eu era eu, e eu era. (ABREU, 2005, p. 46)

Neste trecho, o afeto é presente não só pela mudança pela qual o personagem segue, mas também pela confusão em que se encontra: o que se mostra de si não corresponde ao desejo. Em desespero, o personagem

---

<sup>1</sup>Texto original: El punto decisivo es considerar a esta singularidad como un punto de llegada, no como un dato desde el cual partir; como el resultado final de un proceso de individuación, no como átomos solipsísticos. Porque son el resultado complejo de una diferenciación progresiva, los “muchos” no postulan una síntesis ulterior.” A tradução dos textos é de nossa autoria.

caminha entra a vontade se recriar frente ao *outro*, projeto que impulsiona e sinaliza sua caminhada.

Começou a acontecer uma coisa confusa na minha cabeça, essa história de não querer que ele soubesse que eu era eu, encharcado naquela chuva toda que caía, caía, caía e tive vontade de voltar para algum lugar seco e quente, se houvesse, e não lembrava de nenhum... (ABREU, 2005, p. 46)

Sobre a questão emotiva, Paolo Virno diz:

A situação emotiva, além de ubíqua, é sempre *ambivalente*. Ela pode manifestar-se, além disso, tanto como aquiescência ou como conflito, seja com a semelhança da resignação como com a da inquietude crítica. Dito de outro modo: a situação emotiva tem um *núcleo neutro*, sujeito a declinações diversas e, inclusive, opostas. Este núcleo neutro indica um modo de ser fundamental. (VIRNO, 2003, p. 27)<sup>1</sup>

No caso do personagem em questão, sua situação emotiva é vista no medo e na insegurança de possível decepção do outro, o que culmina num conflito do ser que ele é com o que ele projeta ser durante sua caminhada.

Ao perceber a situação em que se encontrava, o personagem começa a se defrontar com a confusão e essa insegurança que tudo aquilo causava em si e, por mais que deseje, não consegue fugir daquela situação, desistir de ir além do ponto:

... mas eu não podia, ou podia mas não devia, ou podia mas não queria ou não sabia mais como se parava ou voltava atrás, eu tinha que continuar indo ao encontro dele, ou podia mas não queria ou não sabia mais como se parava ou voltava atrás, eu tinha que continuar indo ao encontro dele... (ABREU, 2005, p. 46)

Juntamente com essa ideia, vemos com Paolo Virno que a insegurança é algo que provém do que não conhecemos e do qual sentimos medo: "O mundo sempre tem algo de *indeterminado*; está carregado de surpresas e imprevistos, é um contexto vital nunca dominável: por isso é fonte de permanente insegurança." (VIRNO, 2003, p. 5)<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Texto original: La situación emotiva, además de ubicua, es siempre ambivalente. Ella puede manifestarse, además, tanto como aquiescencia o como conflicto, ya con la semblanza de la resignación como con la de la inquietud crítica. Dicho de otro modo: la situación emotiva tiene un núcleo neutro sujeto a declinaciones diversas e incluso opuestas. Este núcleo neutro indica un modo de ser fundamental.

<sup>2</sup> Texto original: "El mundo siempre tiene algo de indeterminado, está cargado de sorpresas e imprevistos, es un contexto vital nunca dominable: por esto es fuente de permanente inseguridad."

A insegurança que o personagem tem, logo é resultado do medo de ser rejeitado por esse *outro*.

Seu questionamento contínuo demonstra a busca exasperada por respostas. Não se sabe o porquê de ir ao encontro do *outro* e, talvez, isso nem o importe, pois o jogo é o encontro em si. Independente do que acontecer, seu objetivo está além, parecendo-se maior do que qualquer dúvida a respeito do que possa encontrar, traduzindo o afeto ao objeto da própria procura.

Apesar de, a princípio, se pensar que o personagem estaria indo encontrar alguém, faz-se valer a possibilidade de não se tratar de outra pessoa, seu *Outro*. Desta forma, o personagem, incursiona uma possibilidade de afeto em que o sujeito amoroso é ele mesmo, seu caminho, suas perdas e reencontros, buscando com isso, outras possibilidades identitárias, às quais a imaginação empresta sua maior matéria.

Vê-se que a relação que tem entre ele e seu *outro* está em conflito o tempo todo. Suas ações não condizem com o que realmente é, a oscilação é permanente e nos mostra que o afeto não é pelo o que ele é, mas pelo o que se imagina ser. O personagem, então, forja uma nova identidade para si próprio, capaz de dar lugar ao que, instável, requisita remodeladas formas de projeção identitária. O afeto se insere no que ele possivelmente espera encontrar quando chegar “além do ponto”. É do seu objetivo que o personagem realmente depende, dessa imagem criada em construção.

Com isso, veem-se no decorrer do conto passagens nas quais o personagem tenta imaginar esse encontro:

... então decidi na minha cabeça que depois de abrir a porta ele diria qualquer coisa tipo mas como você está molhado, sem nenhum espanto, porque ele me esperava, ele me chamava, eu só ia indo porque ele me chamava... (ABREU, 2005, p. 46)

A necessidade de recriação de si faz com que o personagem busque maneiras de ser visto, ao sentir a necessidade de ouvir do *outro* (ou dele mesmo) um reconhecimento capaz de demonstrar o que ele é.

Ao perceber que o *outro* (pessoa) não existe, é visível que a busca por essa identidade criada em sua imaginação se mostra utópica, uma vez que não consegue deixar o seu eu primário de lado. Por mais que quisesse esse novo eu, não conseguira fugir de suas características próprias originais.

